

*Marxismo
e história*



MARXISMO E HISTÓRIA

RESUMO

Esse artigo é uma breve exposição subsequente à uma apresentação de Eric Hobsbawm sobre a relação entre marxismo e história. Hobsbawm discorreu sobre seus principais pontos positivos, enquanto Dorothy Thompson agregou o ponto negativo: o elemento teleológico de grande parte da história marxista. A idéia de que o progresso da história estava definido pela necessidade de derrubar o capitalismo e instalar uma sociedade sem classes levou à percepção de que as únicas ações válidas da classe trabalhadora eram aquelas que contribuíam para tal resultado. Assim, os historiadores terminaram correndo o risco de cair na armadilha de examinar o que os ativistas da classe trabalhadora deveriam ter feito, ao invés de examinar o que eles estavam de fato fazendo.

PALAVRAS-CHAVE

Marxismo; História social; Comunismo; Movimentos sociais

Devo começar com uma queixa. Quando o jovem Steve me pediu para vir aqui e participar do lançamento do livro, pensei que fosse para comparecer e saudar as memórias do meu velho e muito amigo John Saville, aplaudir efusivamente, ajudar na divulgação e nas vendas. Recebo então a notícia de que sou parte de uma mesa com mais dois teóricos pesos pesados, muito mais velhos e muito mais pesos pesados do que eu. Além de tudo, discutindo um assunto sobre o qual, normalmente, eu não me ofereceria para falar. Eu sabia que Eric apresentaria um bom panorama geral da influência do marxismo como uma força importante na história do nosso tempo, como ele de fato fez. Então, tudo o que eu tenho para falar é sobre como o marxismo e a história se entrelaçaram, de várias maneiras, na minha própria experiência.

Quero começar com meu amigo Ali. Eu moro em Worcester, uma cidade-catedral que, no geral, é razoavelmente próspera e agradável. Moro na parte mais operária e Ali é o dono da loja de jornal. Ele é um bom amigo. Ajuda a organizar e a manter uma cooperativa de crédito que estamos tentando deslanchar. Então, além de comprar os jornais que ele vende, eu também trabalho com ele na cooperativa. Sua família vem da Cashemira, mas como ele fala inglês com um forte sotaque do West Midlands, imagino que o dominou ainda muito jovem. Contudo, Ali mantém contato com sua família e bastante contato com o subcontinente em geral. Tenho aprendido muito com ele. Quando vou à sua loja e o vejo discutir com os clientes, ele está sempre debatendo e explicando a política no Extremo Oriente, em termos com os quais eu costumo simpatizar e concordar. Quando os outros clientes se vão, algumas

¹ Dorothy Thompson é membro da Royal Historical Society. Lecionou História Moderna Britânica na Universidade de Birmingham entre 1968 e 1988 e foi eleita para uma cadeira no Instituto para Pesquisa Avançada em Artes e Ciências Sociais, onde se aposentou.

² Texto apresentado em palestra proferida no Working Lives Research Institute, London Metropolitan University, em 16 de maio de 2003. Participaram da mesa Eric John Hobsbawm e John Saville.

vezes nós ficamos conversando sobre política, a guerra no Afeganistão, e outras coisas que dizem respeito a ele, a mim e à nossa cidade. Um dia, estávamos conversando sobre política e Ali me perguntou: *O que você pensa que vai acontecer?* Não é uma questão muito fácil de responder e eu simplesmente disse: *Bom, não acho que as coisas vão melhorar muito.* Ele então disse algo como (e eu provavelmente menciono mal os detalhes aqui porque não os anotei): *O profeta voltará ao mundo e ele viverá por um tempo e ele terá um filho e depois disso tudo vai ficar bem. Está assim no livro sagrado e é no que eu acredito.*

Voltei para casa totalmente desconcertada. Semana após semana, dia após dia, eu vinha discutindo política com um chapa bastante bem informado, racional e razoável, que, no fim, acreditava que um plano preexistente, vindo de fora, interviria nos assuntos do mundo e garantiria um resultado prometido. Mas devo admitir que, enquanto pensava nisso, me veio uma sensação de *déjà vu*.

Na semana passada, compareci a um seminário de história socialista e um dos camaradas disse, como se fosse *en passant*: *'Claro que a classe trabalhadora vai transformar o mundo'*, e eu aí me dei conta de onde vinha a sensação de *déjà vu*. Tudo o que o Eric diz sobre o temor ao marxismo e ao seu poder, quando éramos jovens, é obviamente verdade — e ele é uma pessoa muito mais séria que eu. No entanto, esse padrão teleológico tem sublinhado grande parte das atividades, da literatura e da teorização — comunismo primitivo, feudalismo, transição do feudalismo para o capitalismo, capitalismo, e finalmente, socialismo. Essas mudanças de sistema deveriam ocorrer através de revoluções violentas e uma vez que a revolução final tivesse ocorrido (produzindo o socialismo), a luta de classes estaria encerrada. A pré-história da sociedade dividida em classes ficaria para trás e a verdadeira luta do homem contra o meio-ambiente começaria. Claro que isso é uma simplificação. Mesmo assim, se nos voltarmos para grande parte do que se escreveu sobre história popular ao longo das nossas vidas, vamos ver alguns dos problemas que essa teleologia acarretou.

Devo confessar que cheguei ao estudo da história pelo caminho da literatura e da linguagem e não pelo caminho da "ciência" da economia, como os outros dois participantes. Para mim, a economia nunca teve o poder prescritivo que teve para alguns, e sempre a vi com certa desconfiança. Eu a aceito quando descreve

coisas, mas tenho problemas com ela quando prevê coisas, e isso bem pode ter influenciado minha aproximação da história.

Quando envelhecemos — entrando na casa dos oitenta —, começamos a pensar que todas as coisas douradas aconteceram na juventude. Mas eu realmente acho que os anos seguintes à Segunda Guerra Mundial foram de uma imensa explosão de atividade intelectual. História, literatura, sociologia e outras ciências sociais sofreram mudanças de rumo fundamentais. Gente como Richard Hoggart e Raymond Williams, assim como os membros do Grupo de Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha (GHPCGB), além de muitos cientistas sociais, estavam bem mais preocupados com as pessoas do país do que com suas instituições, suas linhagens de sangue e sua alta política. Até mesmo os departamentos de história econômica incluíram um “e social” nos seus títulos, introduzindo um pouco de história do trabalho nos seus programas. Acho que isso se deve, em parte, ao fato de que muitos dos acadêmicos eram — ou tinham sido — comunistas e, portanto, tinham desenvolvido um interesse pelas pessoas comuns — pelo menos pelas pessoas masculinas —, através de suas experiências no tempo da guerra, tanto nas Forças Armadas como na indústria. Era aí onde estávamos todos, na nossa adolescência e nos nossos vinte e pouco anos. Aprendemos que as pessoas comuns eram, o mais das vezes, bem mais capazes que nós. Elas levaram à empreitada da guerra, em seus mais diferentes níveis, aptidões que nós, que havíamos tido uma criação protegida e havíamos ido (talvez) a escolas de alto nível, jamais tínhamos conhecido. Trabalhar com pessoas de todas as classes, em todos os níveis de autoridade, reforçou nosso socialismo e diminuiu qualquer hesitação que pudéssemos ter em adotar os valores revolucionários da liberdade, fraternidade e igualdade. Creio que essa experiência de servir na guerra, tanto como civis quanto como recrutas — homens e mulheres —, foi o que despertou o grande interesse pela história das pessoas comuns, moldando a escrita da história na segunda metade do século XX de maneiras exploratórias e, em certa medida, explosivas.

A história do trabalho não era novidade. Douglas Cole, Lance Beales e alguns outros já tinham mapeado parte do território, mas a nossa geração trouxe uma outra experiência que afetou nosso trabalho e nossa política, de formas boas e ruins. Do lado bom, o Partido Comunista (PC) era um grande corpo organizador. Ele de fato fazia as coisas acontecerem. Seus membros deixavam todo tipo de atividades privadas e sociais para se concentrar na tarefa

política e se davam bem com isso. Por outro lado, o partido nos excluiu de grande parte do ativismo político radical que atingia toda a população. Todo mundo que tinha servido na guerra havia compartilhado essa experiência de derrotar uma das mais malignas ditaduras existentes e de começar a construir um novo mundo. Mas muitos de nós, tão seguros que estávamos de que só os marxistas possuíam a verdadeira receita para a transformação da sociedade, não estavam preparados para aceitar transformações menores. Um dos meus primeiros debates publicados foi sobre a questão dos paliativos.

Pelo menos desde a segunda metade do século XIX, há uma tradição revolucionária na política britânica sustentando que reformas introduzidas por governos reacionários, conservadores ou social-democratas deixam o povo mais satisfeito com a sociedade capitalista e portanto retêm a indispensável revolução socialista. Educação gratuita, reconhecimento dos sindicatos e serviços de saúde gratuitos e subsidiados seduzem setores da classe trabalhadora e, portanto, atrasam a derrota indispensável do capitalismo. Assim, alguns membros do PC não receberam bem o Relatório Beveridge³ ou o estabelecimento do Serviço de Saúde Nacional e o sistema educativo pós-1944. Outros de nós sentimos que qualquer que fosse o perigo dos paliativos, essas iniciativas do Estado do Bem-Estar de fato incorporavam alguns dos valores que faziam de nós socialistas. Hoje, nas várias batalhas em defesa dos princípios da saúde, educação e outros serviços, podemos ver que, na prática, eles estiveram longe de ser paliativos. Até certo ponto, foram meios importantes de incorporação dos valores socialistas na sociedade moderna.

Com frequência, nos sentíamos tão seguros de possuir a única resposta para a criação de uma sociedade justa que estávamos preparados para cortar caminhos e empregar qualquer método para fazer as mudanças revolucionárias. *A verdade*, me contou um dirigente partidário, quando eu estava na Liga da Juventude Comunista, *é aquilo que ajuda na luta de classes*. Além de

³ Apresentado em 1942 pelo economista William Beveridge, o relatório recomendava o estabelecimento de um serviço nacional de saúde e de um sistema de seguridade social; foi a base da legislação de reformas sociais implementadas pelo governo trabalhista do pós-guerra, conformando o Estado do Bem-Estar Social britânico. (N. Trad.)

transformar os comunistas em alvos da desconfiança entre o público em geral — pessoas para serem votadas em ásperas disputas sindicais, mas raramente eleitas na política local ou nacional —, essa atitude nos levou a perder o respeito por tradições utópicas importantes do pensamento socialista britânico. A divisão entre socialismo científico e utópico estreitou o espectro do estudo da história radical e a história do trabalho. As grandes utopias foram tratadas como se fossem modelos para sociedades pós-revolucionárias, e não como lugares para críticas sociais.

Na nossa escrita da história social e do trabalho também estivemos, até certo ponto, presos à teleologia da análise marxista. Olhamos para trás em busca de sinais de mudança revolucionária e vimos o cartismo, por exemplo, como uma revolução fracassada. Olhando as sociedades européias através de lentes teleológicas, vimos aqueles movimentos populares que falharam em ascender e destruir o sistema capitalista como prematuros ou como inadequadamente liderados. Aplicamos o mesmo modelo para a maioria das sociedades européias, mas tivemos problemas quando se tratou da Ásia. Tendíamos, então, a considerar aqueles países simplesmente como vítimas do imperialismo europeu.

Meu principal interesse sempre foi o movimento cartista. Quando cheguei ao tema pela primeira vez, muito da história marxista estava escrita dentro desta teleologia. Segundo esta, os líderes cartistas, por timidez ou conservadorismo, decepcionaram a multidão britânica consciente e revolucionária, recuando bem na hora em que a revolução armada era possível. Que havia revolucionários genuínos entre a liderança estava claro. Lembramos Theodor Rothstein descobrindo George Julian Harney, bolchevique. Bronterre O'Brien também foi um candidato a líder revolucionário, tal como outras figuras menos conhecidas. Os verdadeiros líderes, Feargus O'Connor em particular, eram vistos como retrógrados ou covardes. As discussões sobre o delineamento de classe do cartismo e suas idéias eram quase sempre baseadas na teoria de que os movimentos da classe trabalhadora "real" deveriam estar fundamentados num programa de expropriação dos expropriadores e que qualquer coisa menos ousada seria, meramente, uma derivação de idéias burguesas de democracia. Na realidade, esses historiadores estavam mais preocupados com o que a classe trabalhadora do período deveria estar fazendo do que com o que ela realmente estava fazendo. Muito aspectos do cartismo, a companhia da

terra, para nomear apenas um, foram deixados de lado porque não cabiam no modelo revolucionário.

Como sempre se supôs que, uma vez intensificada a consciência de classe, a política operária seria alçada a um nível mais alto, restava o problema de que os coesos sentimentos de classe da primeira metade do século XIX haviam, claramente, diminuído na segunda metade, pelo menos no seu potencial revolucionário. A teoria da aristocracia do trabalho veio em socorro, com a sugestão de que os operários mais qualificados foram comprados pela burguesia com a riqueza obtida na expansão imperial. As reais realizações dos cartistas em termos de experiência, a modificação de muitas das ações mais brutais e confrontantes dos governos pós-1832 e sobretudo a instituição de fontes do poder político e social na forma de sindicatos nacionais, sociedades, cooperativas e as outras bases sobre as quais as estruturas políticas da classe trabalhadora deveriam emergir raramente foram consideradas como ganhos cartistas. Em outras palavras, quando condenavam as falhas revolucionárias, os historiadores do trabalho muitas vezes negligenciaram ganhos consideráveis.

Eles também falharam em registrar atividades que não entravam no modelo. Descobri isso quando comecei a investigar o papel das mulheres no movimento. No começo, estava decepcionada ante a tímida reivindicação pelo sufrágio feminino e por outros itens de agendas feministas posteriores. Embora houvesse muitas mulheres em evidência, elas pareciam em geral felizes em reivindicar o voto para seus maridos e irmãos, sem nunca pedir pelo direito de trabalhar. Quando, por volta de 1968, eu dei uma conferência em Nova Iorque sobre as mulheres cartistas, a primeira pergunta que me fizeram foi: *As mulheres cartistas reivindicavam creches de 24 horas?* Tive de explicar à feminista radical que as mulheres cartistas desejavam, na maior parte das vezes, a chance de ficar em casa com seus filhos, em vez de trabalhar numa fábrica. Preferiam receber um mísero auxílio em suas casas e não ter de entregar seus filhos às autoridades da Lei dos Pobres. Sobretudo, queriam que seus maridos ganhassem um salário que lhes permitisse manter suas famílias com razoável conforto, sem a necessidade de que elas ou seus filhos saíssem para trabalhar. Se elas deveriam estar reivindicando uma divisão no processo produtivo, na maioria das vezes não era isso o que elas estavam fazendo.

O que venho tentando dizer é que o elemento teleológico no pensamento e análise marxistas distorceu, demasiadas vezes, o modo como examinamos a história. E com certeza o modo como

examinamos eventos contemporâneos, particularmente em alguns países pós-coloniais. Isso não nega os muitos *insights*, na história e na política, que a leitura de Marx proporcionou a mim e à maior parte de nossa geração. Edward, meu marido, costumava dizer que ele trabalhava no interior de uma tradição marxista — e eu diria o mesmo. Há muitos problemas com a tradição; para Edward sempre foi a falta de preocupação com a moralidade, até com uma definição de uma dimensão moral na sociedade. Num nível mais simples é o perigo de abordar eventos históricos com um *kit* de testes pré-pronto e derivado de qualquer tipo de escritura sagrada.

A descrição do conflito de classes em muitas sociedades foi um grande feito de Marx, mas hoje, muitos de nós não daríamos prioridade absoluta às relações econômicas, tal como ele indubitavelmente fez, nem pressuporíamos sua quase-universalidade. Na questão latino-americana, por exemplo, há momentos em que, seguramente, o que estamos examinando é a luta de pobres contra ricos, não uma luta entre classes em diferentes relações com os meios de produção.

Talvez seja injusto rotular a sofisticada análise de Marx como teleológica. O próprio Marx saudou a *Origem das Espécies*⁴ e a teoria da evolução porque ela oferecia a possibilidade de progresso sem teleologia. Mas a análise marxista é baseada numa visão do desenvolvimento histórico que dita quais são as questões indispensáveis para serem examinadas pelos historiadores. Os termos de grande parte da historiografia marxista e marxizante limitam a pesquisa. Termos prescritivos (por exemplo, retrógrado), quando aplicados a sistemas agrários ou societários, não contribuem para uma análise objetiva. Contudo, poderíamos considerar que a análise marxista não é totalmente teleológica, porque ela termina dizendo que a sociedade tem que encontrar a melhor maneira de sobreviver no planeta. Nos seus próprios termos teóricos, isso não tinha que ser necessariamente o socialismo, embora Marx e Engels pensavam que fosse.

Tradução: Cristiana Schettini Pereira

Revisão técnica da tradução: Antonio Luigi Negro

⁴ DARWIN, C. *A Origem das espécies*, publicado originalmente em Londres, por John Murray, 1859

MARXISM AND HISTORY

ABSTRACT

This article is a short paper given after one by Eric Hobsbawm on Marxism and History. He had made the main positive points and Dorothy Thompson added the negative one of the teleological element in much Marxist history. Since the progress of history is defined by the need to overthrow capitalism and install a classless society, the only valuable activity by working people is what contributes to this outcome. Historians may thus fall into the trap of looking at what past working class activists ought to have been doing rather than what they were actually doing.

KEYWORDS

Marxism; Social History; Communism; Social movements



GILBERTO, [Gilberto Pereira], xilogravura. Exposição Mundos do Trabalho. Acervo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), Fortaleza, CE, 2002.